

A SERIOUS MAN (“Um Homem Sério”) / 2009

um filme de Joel Coen e Ethan Coen

Realização e argumento: Joel e Ethan Coen / *Direção de fotografia:* Roger Deakins / *Montagem:* Joel e Ethan Coen (creditados como Roderick Jaynes) / *Casting:* Ellen Chenoweth, Rachel Tenner / *Direção de arte:* Deborah Jensen / *Decoração:* Nancy Haigh / *Guarda-roupa:* Mary Zophres / *Chefia de Caracterização:* Jean Ann Black / *Desenho de som:* Craig Berkey / *Misurtras:* Peter F. Kurland / *Música:* Carter Burwell / *Efeitos especiais:* Larz Anderson / *Interpretação:* Michael Stuhlbarg (Lawrence "Larry" Gopnik), Richard Kind (Arthur Gopnik), Fred Melamed (Sy Ableman), Sari Lennick (Judith Gopnik), Aaron Wolff (Danny Gopnik), Jessica McManus (Sarah Gopnik), Alan Mandell (Rabbi Marshak), Adam Arkin (Don Milgram), George Wyner (Rabbi Nachtner), Amy Landecker (Sra. Vivienne Samsky), Peter Breitmayer (Sr. Brandt), Brent Braunschweig (Mitch Brandt), Katherine Borowitz (Mimi Nudell), Allen Lewis Rickman (Velvel), Yelena Shmulenson (Dora), Fyvush Finkel (Dybbuk), Simon Helberg (Rabbi Scott Ginsler), Raye Birk (Dr. Shapiro), Michael Lerner (Solomon Schlutz), David Kang (Clive), Steve Park (pai de Clive), Ari Hoptman (Arlen Finkle), Amanda Day (estudante de arte), Landyn Banx (ator).

Produção: Focus Features / *Coprodução:* Working Title Films, Mike Zoss Productions / *Produtores:* Joel e Ethan Coen / *Produtores Executivos:* Tim Bevan, Eric Gellner, Robert Graf / *Cópia:* Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, 35mm, cor, falada em inglês e legendada em português / *Duração:* 106 minutos / *Estreia mundial:* 12 de setembro de 2009, Festival de Toronto / *Estreia comercial portuguesa:* 18 de fevereiro de 2010 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Qual é a maior das desgraças?

Encontrar emprego. Agradar no emprego. Subir no emprego. Empregar os outros. Reformar-se.

Ser respeitado.

Herberto Hélder

Em março, no âmbito do ciclo “50 Ano de Abril: Que Farei com Esta Espada?”, o eixo “Futuro” é feito sob o signo da sorte e do azar ou, mais do que isso, exploram-se as formas através das quais a humanidade procurou lidar com a incerteza dos acasos (e o cinema representou, com mais ou menos bonomia, essas indeterminações). Assim, entre os vários filmes que estão a ser apresentados sob o chapéu aziago da previsão do futuro (são filmes sobre os mitos cabalísticos, sobre a identificação de padrões através da numerologia, sobre os poderes mediúnicos, sobre funestas forças oraculares e toda essa sorte de charlatanices que, desde tempos imemoriais, nos tentam apaziguar as ansiedades da dúvida – é o futuro entendido como conspiração do passado, para martírio do presente), dizia eu, entre esses filmes, apresenta-se agora **A Serious Man**, dos irmãos Joel e Ethan Coen.

Depois dos filmes que os lançaram como os mais prometedores cineastas do novo cinema americano dos anos 1980 e 1990 – **Blood Simple** (1984), **Raising Arizona** (1987) e, claro, **Fargo** (1996) e **The Big Lebowski** (1998) –, os irmãos Coen conquistaram um estatuto que equilibrava o sucesso comercial com a afirmação de um ponto de vista eminentemente autoral (um início de carreira só equiparável à pujança e à popularidade dos primeiros filmes de Quentin Tarantino e Paul Thomas Anderson). Porém, a partir desse último filme, e ao longo dos primeiros anos do novo milénio, a dupla realizou três comédias que, apesar dos seus interesses individuais, surgiram como filmes cansados e/ou veículos dos atores protagonistas (Clooney e Hanks). E eis que, em 2007, fazem **No Country for Old Men**, um filme que os impõe enquanto cineastas “sérios” (o seu primeiro – e até hoje único, contando apenas os filmes feitos em dupla – filme destituído de humor) e que lhes dá os galardões máximos da indústria de Hollywood.

Algo se passou com a consagração dos irmãos perante os seus pares. Algo no seu cinema se transformou. É certo que **Barton Fink** (1991), **O Brother, Where Art Thou?** (2000) e o *remake* **The Ladykillers** (2004) eram já filmes um quanto barrocos e algo maneiristas – especialmente pelo modo como re-trabalhavam o cinema de género, como estabeleciam um diálogo com a Hollywood clássica

e como revistavam a história do cinema. Mas, depois de **No Country**, tudo isso se acentuou (veja-se **Hail, Caesar!**), em particular no jeito como os Coen se firmaram enquanto os últimos realizadores a trabalharem, de forma sistemática, o *western* (**No Country** é-o em contexto contemporâneo, **True Grit** é um *remake* “fiel” de Henry Hathaway, e **The Ballad of Buster Scruggs** é uma reinscrição do *western* no estilo cómico muito particular da dupla).

Neste sentido, **A Serious Man** é, além de tudo isso que marca a viragem na filmografia dos realizadores, o mais singular e íntimo dos seus filmes – o outro é o belíssimo e subestimado **Inside Llewyn Davis** (2013). Pejado de referências autobiográficas (a começar pelo facto do filme ser rodado no estado Minnesota de onde a dupla é originária e terminando nos nomes de muitas personagens secundárias que homenageiam os seus amigos de infância), **A Serious Man** é uma paródia liminar à cultura judaica onde os irmãos foram educados e, por isso mesmo, é um filme de época situado algures no final dos anos 1960 ou início dos 70, quando os Coen eram adolescentes (aparentemente o filme foi construído em torno do episódio do bar mitzvah de Danny e do encontro alucinado com o velho rabi, episódio vagamente inspirado em “factos verídicos”). Muito embora o foco seja a crise de meia-idade (crise matrimonial, laboral e de fé) do pai Larry Gopnik, o ponto de vista é, muitas vezes, o do seu filho adolescente.

A começar pelo título (eventual referência a Simone de Beauvoir – porque certamente os Coen nunca leram Herberto Helder), tudo neste filme aponta para uma sátira da figura do patriarca num momento de transformação social (o fim dos anos 1960), numa espécie de reinterpretação do Livro de Jó no contexto da suburbana *american way of life*. Como no prólogo do livro do Antigo Testamento, Deus e o Diabo vão testar a fé de um homem pio torturando-o até ao limite da fé. Desta feita não lhe matam os filhos nem lhe enchem a pele de bolhas, mas, a pouco e pouco, vão-lhe retirando os pequenos luxos de uma vida confortável e, acima de tudo, previsível. Joen e Ethan Coen assumem essa posição (fica por saber qual dos dois sádicos faz de deus e qual faz de diabo) de cineastas-demiurgos que jogam com a estabilidade das personagens, congeminando maldades, terrores e acasos cruéis que justificam que vários críticos os tenham acusado de misantropia. Tal perspectiva esquece que a escrita dos irmãos trabalha sempre a partir de um retrato caricatural e que nenhum das personagens tem grande espessura dramática – importa-lhes, muito mais, as situações e os dilemas do que a profundidade das suas criações. Há, ao longo de todo o filme, uma vontade de fazer acordar as personagens do seu torpor alienado, expondo-as à fragilidade das suas convicções e ao modo como fazem do seu viver um exercício de repetição mimética dos valores dominantes.

Como explica a certa altura o professor de física Larry ao aluno que acabou de chumbar (referindo-se, certamente, ao próprio trabalho do filme, sem nunca tomar consciência disso mesmo), “até podes entender as fábulas que uso para ilustrar a teoria, mas o que importa é a matemática...”. Ou seja, tudo aquilo que decorre em **A Serious Man** é um conjunto de ilustrações (mais ou menos cómicas) de uma série de reflexões teológico-existencialistas (do pensamento judaico à física quântica), onde o propósito maior é a afirmação titubeante do destino enquanto território de infinitas incertezas, caindo por terra tanto a fé religiosa como a confiança no princípio de Schrödinger. Repare-se nos repetidos telefonemas da empresa discográfica que pretende impingir a Larry o mais recente disco de Santana, “Abraxas” – palavra gnóstica para “o criador” –, ao ponto de, em total desespero, Larry rejeitar a subscrição do serviço mensal de discos de vinil, isto é, renega a “palavra do senhor”. Momento esse em que o rancoroso todo-poderoso se prepara então para colher os frutos da sua descendência (veja-se o plano final) e definitivamente matar o gato dentro da caixa.

No entanto, há que referir o divertido prólogo, integralmente falado em iídiche. Segundo os realizadores, trata-se de uma pequena curta-metragem totalmente independente do filme e que apenas pretende estabelecer uma atmosfera. Só que não é difícil entrever no pequeno conto o prenúncio dos dilemas da fé e da ciência que o resto do filme irá tratar. Diante de um velho homem que alegadamente devia estar morto, duas personagens debatem-se sobre como lidar com aquela criatura (devem-lhe temor ou deferência?). A resposta, da pragmática mulher, é uma espécie de inversão *gore* do argumento de Pascal: *pelo sim pelo não mais vale acreditar*. Prólogo esse que será ecoado, em versão anedótica, pelo “epílogo” com o rabi Nachtner que glosa a letra de “Somboddy to Love” dos Jefferson Airplane, “When the truth is found to be lies / And all the hope within you dies / Don’t you want somebody to love / You better find somebody to love / Love/ Love.”